

INTERPRETAÇÃO *de Texto*

2



ROBSON MISTERSILVA

Você sabe por que a televisão, a publicidade, o cinema e os jornais defendem os músculos torneados, as vitaminas milagrosas, as modelos longilíneas e as academias de ginástica? Porque tudo isso dá dinheiro. Sabe por que ninguém dala do afeto e do respeito entre duas pessoas comuns, mesmo meio gordas, um pouco feias, que fazem piquenique na praia? Porque isso não dá dinheiro para os negociantes, mas dá prazer aos participantes.

O prazer é físico, independentemente do físico que se tenha: namorar, tomar milk-shake, sentir o sol na pele, carregar o filho no colo, andar descalço, ficar em casa sem fazer nada. Os melhores prazeres são de graça – a conversa com o amigo, o cheiro do jasmim, a rua vazia de madrugada –, e a humanidade sempre gostou de conviver com eles. Comer uma feijoada com amigos, tomar caipirinha no sábado, também é uma grande pedida. Ter um momento de prazer é compensar muitos momentos de desprazer. Relaxar, descansar, despreocupar-se, desligar-se da competição, da áspera luta pela vida – isso é prazer.

Mas vivemos num mundo onde relaxar e desligar-se se tornou um problema. O prazer gratuito, espontâneo, está cada vez mais difícil. O que importa, o que vale, é o prazer que se compra e se exhibe, o que não deixa de ser aspecto da competição. Estamos submetidos a uma cultura atroz, que quer fazer-nos infelizes, ansiosos, neuróticos. As filhas precisam ser Xuxas, as namoradas precisam ser modelos que desfilam em Paris, os homens não podem assumir sua idade.

Não vivemos a ditadura do corpo, mas seu contrário: um massacre da indústria e do comércio. Querem que sintamos culpa quando nossa silhueta dica um pouco mais gorda, não porque querem que sejamos mais saudáveis – mas porque, se não ficarmos angustiados, não faremos mais regimes, não compraremos mais produtos dietéticos, nem produtos de beleza, nem roupas e mais roupas. Precisam da nossa impotência, da nossa insegurança, da nossa angústia.

O único valor coerente que essa cultura apresenta é o narcisismo. Vivemos voltados para dentro, à procura de mundos interiores (ou mesmo vidas anteriores). O esoterismo não acaba nunca – só muda da papa a cada Bienal do Livro –, assim como os cursos de autoconhecimento, auto realização e, especialmente, autopromoção. O narcisismo explica nossa ânsia pela fama e pela posição social. É hipocrisia dizer que entramos numa academia de ginástica porque estamos preocupados com a saúde. Se fosse assim, já teríamos arrumado uma solução para questões mais graves, como a poluição que arrebenta os pulmões, o barulho das grandes cidades, a falta de saneamento.

Estamos preocupados em marcar a diferença, em afirmar uma hierarquia social, em ser distintos da massa. O cidadão que passa o dia à frente do espelho, medindo o bíceps e comparando o tórax com o do vizinho do lado, é uma pessoa movida por uma necessidade desesperada – precisa ser admirado para conseguir gostar de si próprio. A mulher que fez da luta contra os cabelos brancos e as rugas seu maior projeto de vida tornou-se a vítima preferencial de um massacre perpetrado pela indústria de cosméticos. Como foi demonstrado pela feminista americana Naomi Wolf, o segredo da indústria da boa forma é que as pessoas nunca ficam em boa forma: os métodos de rejuvenescimento não impedem o envelhecimento,

90% das pessoas que fazem regime voltam a engordar, e assim por diante. O que se vende não é um sonho, mas um fracasso, uma angústia, uma derrota.

Estamos atrás de uma beleza frenética, de um padrão externo, fabricado, que não é neutro nem inocente. Ao longo dos séculos, a beleza sempre esteve associada ao ócio. As mulheres do Renascimento tinham aquelas formas porque isso mostrava que elas não trabalhavam. As belas personagens femininas do romantismo brasileiro sempre tinham a pele branca, alabastrina – qualquer tom mais moreno, como se sabe, já significava escravidão e trabalho. Beleza é luta de classes. Estamos na fase da beleza ostentatória, que faz questão de mostrar o dinheiro, o tempo livre para passar tardes em academias e mostra, afinal, quem nós somos: bonitos, ricos e dignos de ser admirados.

Paulo Moreira Leite. Veja, 23 ago. 1995. p. 79.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

1 – Ao ler o título do texto, quais eram suas expectativas?

Resposta pessoal do aluno. Provavelmente o aluno levantará como hipótese o fato de que somos dominados pela vaidade.

2 – Ao terminar de ler o texto, elas se confirmaram? Por que o autor escolhe esse título? Que outro poderia ser dado ao texto?

O aluno deverá perceber que, na vaidade, a preocupação exagerada com o corpo não é algo natural, mas criado pela mídia. Outros títulos possíveis: A indústria da beleza; O império dos interesses; O preço do prazer.

3 – O autor praticamente conversa com o leitor. Como ele consegue isso?

Usa o pronome de tratamento você. Faz perguntas ao leitor, que ele mesmo vai respondendo.

4 – Se os melhores prazeres são de graça, como afirma o autor, qual o motivo de sua preocupação?

O motivo de sua preocupação é que a mídia nos faz crer que é preciso pagar um preço pelos prazeres.

5 – Em “As filhas precisam ser Xuxas”, pode-se observar um dos exemplos citados pelo autor para ilustrar um aspecto negativo de nossa sociedade. Qual?

A questão da competição: é preciso sempre ser melhor em alguma coisa, ou mais belo, ou mais atlético.

6 – De que recurso se vale o autor para incluir o leitor entre os que vivem sob a cultura atroz?

Ele fala dos homens como chefes de família, de suas filhas e namoradas.

7 – O autor nos caracteriza como “infelizes, ansiosos, neuróticos”. No parágrafo seguinte, ele amarra suas ideias associando a esses três adjetivos três substantivos. Quais são eles? Explique por que temos cada um desses sentimentos.

Impotência: nada podemos contra a ação do tempo que age em nossos corpos.

Insegurança: com a competição acirrada, nunca estamos seguros de nós mesmos.

Angústia: sentimo-nos aflitos por não saber como reagir ao envelhecimento numa sociedade que só valoriza o jovem.

8 – Qual é a ditadura que nos oprime, afinal?

A ditadura da indústria e do comércio da beleza, reforçada pela mídia.

9 – Por que o narcisismo é um valor coerente dentro dessa cultura atroz? Qual a relação entre o mito de Narciso e a situação descrita pelo autor do texto?

Cada um busca sua projeção, sua fama, seu sucesso de forma egoísta e individualista. Narciso apaixona-se pela própria imagem, refletida num lago. No texto, Paulo Moreira Leite afirma que, em nossa sociedade, estamos voltados apenas para nós mesmos, para nossa imagem, nossos desejos, querendo fama e posição social.

10 – Em que parágrafo o autor afirma que seria hipocrisia dizer que nossa preocupação com o corpo está relacionada à saúde? Analise o argumento que ele usa para provar isso. Ele foi convincente? Por quê?

No parágrafo 5. Os argumentos do autor são irrefutáveis: realmente, uma preocupação com a saúde nos levaria à busca de soluções coletivas, como cuidar do meio ambiente ou promover a diminuição da desigualdade social.

11 – Costuma-se dizer que uma das maneiras de aceitarmos o corpo que temos é cuidar do aspecto emocional, uma vez que a auto estima nos ajuda a valorização do que somos e não do que aparentamos ser. Essa afirmação está de acordo ou em desacordo com o que afirma o autor de “O império da vaidade”? Aponte uma passagem do texto que justifique sua resposta.

Essa afirmação está de acordo com o texto. O autor diz que as pessoas que são obcecadas pelo corpo precisam primeiro da admiração alheia para poder gostar de si mesmas.

12 – Em que se baseia o autor do texto para fazer esta afirmação: “O que se vende não é um sonho, mas um fracasso, uma angústia, uma derrota”.

Sabe-se, de antemão, que os regimes não funcionam e os cosméticos não impedem o envelhecimento. Na verdade, trava-se uma luta vã.

13 – Segundo o autor, o padrão de beleza que nos impõem não é nem neutro nem inocente. Qual é o padrão imposto para o homem e para a mulher? Cite alguns exemplos. Qual seria o padrão de beleza do brasileiro atualmente? Você seria capaz de descrevê-lo?

Os homens são jovens, altos, atléticos, de corpo bem torneado e bronzeado. As mulheres são claras, altas, loiras, preferencialmente, e magérrimas. Não temos um padrão de beleza do brasileiro, mas é bom lembrar que os jovens não são muito altos e as mulheres não são magras (têm quadris largos). Além disso, há predominância dos morenos (e mulatos e negros) sobre os loiros.

14 – Releia o último período do texto: o que o autor quis, de verdade, afirmar? Que recurso ele usou?

O autor afirma que os padrões de beleza são impostos por determinada classe social, e só consegue se enquadrar neles quem tem dinheiro e tempo para adquiri-los e mostra-los. Ao dizer: “Beleza é luta de classes”, o autor emprega uma metáfora.

15 – Releia este período de “O império da vaidade”:

“Porque isso não dá dinheiro para os negociantes, mas dá prazer aos participantes.” O que você nota? Entre as várias palavras que o autor poderia ter usado para expressar suas ideias, ele escolheu as duas em destaque. Por quê?

Nota-se a semelhança de sons, que torna o texto mais agradável, mais ritmado.

16 – Que recurso o autor usou no trecho a seguir? (Observe a classe gramatical das palavras)

“O prazer é físico, independentemente do físico que se tenha.”

O autor usou a mesma palavra com significado diferentes. Ela aparece como adjetivo, no primeiro momento, significando material, corpóreo, ligado aos sentidos, e como substantivo no segundo, significando aspecto exterior, corpo, compleição. A proximidade das palavras criou uma espécie de trocadilho.

17 – Comente o emprego do adjetivo em destaque neste trecho: “desligar-se da competição, da áspera luta pela vida”.

O adjetivo áspero está ligado ao tato (o que não é macio ou liso) e o autor o empregou num sentido abstrato: luta áspera significa luta dura.

AMOR É FOGO QUE ARDE SEM SE VER

Amor é fogo que arde sem se ver;

É ferida que dói e não se sente;

É um contentamento descontente;

É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;

É solitário andar por entre a gente;

É nunca contentar-se de contente;

É cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;

É servir a quem vence, o vencedor;

É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor

Nos corações humanos amizade,

Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Luís de Camões. Camões; Lírica. São Paulo: Cultrix, 1968.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

1 – Transcreva em seu caderno os versos em que o autor faz estas afirmações:

a) Quem ama só se sente feliz ao lado da pessoa amada.

“É solitário andar por entre a gente”

b) Quem ama é leal e nem sempre recebe da pessoa amada a mesma consideração.

“É ter com quem nos mata lealdade”.

c) Quem ama renuncia à sua própria liberdade.

“É querer estar preso por vontade”.

d) Quem ama tem sempre uma inquietação interior.

“É nunca contentar-se de contente”.

2 – Que palavra, na última estrofe do texto, resume tudo o que o poeta quer dizer sobre o amor?

Contrário.

3 – Anote em seu caderno a resposta correta. A contradição do amor se concretiza no poema por meio de:

a) Características diferenciadas entre o que aparenta ser e o que realmente é:

b) Características negativas que o autor ressalta usando palavras desalentadoras.

c) Características opostas que se contradizem em cada verso.

4 – Até a terceira estrofe, o poeta preocupa-se em definir o amor. Que palavra, na quarta estrofe, vem anunciar um questionamento?

A palavra MAS.

5 – Como você responderia à indagação final do poeta?

Resposta pessoal do aluno.

6 – O grupo Legião Urbana adaptou e musicou o poema que acabamos de analisar, acrescentando os seguintes versos, inspirados nos versículos bíblicos (I Coríntios: 13) ao início da música:

“Ainda que eu falasse a língua dos homens.

E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.

É só o amor, é isso o amor.

Que conhece o que é verdade.

O amor é bom, não quer o mal.

Não sente inveja ou se envaidece.”

Como você justificaria a escolha do grupo por textos tão antigos?

Resposta pessoal do aluno: Considerar que o amor é universal e atemporal. Existirá enquanto existirem seres humanos. Isso, além, é claro, da genialidade dos textos.

7 – “Amor é fogo”. Em sua opinião, vale a pena “queimar-se”?

Resposta pessoal do aluno.

8 – Com relação à palavra amor:

a) Por que é escrita, no poema, com letra maiúscula?

Porque se refere ao amor genérico, um sentimento universal, não somente àquele entre duas pessoas apaixonadas.

b) Por que é a primeira e a última palavra do poema?

Essa palavra abre e fecha o poema porque é fundamental: Tudo gira em torno do amor, embora não seja possível defini-lo.

9 – Marque as sílabas finais dos versos em cada estrofe. O que você nota?

Os sons se assemelham. Há rimas intercaladas nos dois primeiros quartetos – abba, abba – e também nos dois tercetos – cdc, dcd.

10 – O que é possível afirmar sobre a extensão dos versos?

Os versos têm a mesma extensão: são decassílabos (dez sílabas poéticas).

11 – É possível “cantar”, com facilidade, esse poema. Por quê?

Existe um ritmo no texto, proporcionado pela métrica: todos os versos têm dez sílabas poéticas, com tônicas na sexta e na décima sílaba

AS APARÊNCIAS ENGANAM

As aparências enganam aos que odeiam e aos que amam
Porque o amor e o ódio se irmanam na fogueira das paixões
Os corações pegam fogo e depois não há nada que os apague

Se a combustão os persegue, as labaredas e as brasas são

O alimento, o veneno e o pão, o vinho seco, a recordação
Dos tempos idos de comunhão, sonhos vividos de conviver.

As aparências enganam aos que odeiam e aos que amam
Porque o amor e o ódio se irmanam na geleira das paixões
Os corações viram gelo e, depois, não há nada que os degele

Se a neve, cobrindo a pele, vai esfriando por dentro o ser

Não há mais forma de se aquecer, não há mais tempo de se esquentar.
Não há mais nada pra se fazer, senão chorar sob o cobertor.

As aparências enganam aos que gelam e aos que inflamam
Porque o fogo e o gelo se irmanam no outono das paixões
Os corações cortam lenha e, depois, se preparam pra outro inverno.
Mas o verão que os unira, ainda, vive e transpira ali
Nos corpos juntos na lareira, na reticente primavera
No insistente perfume de alguma coisa chamada amor.

Tunai e Sérgio Natureza, www.mpbnet.com.br. Warner Chappell Edições Musicais Ltda.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

1 – No poema de Camões que você estudou, havia ideias paradoxais. Neste texto, que recurso é utilizado quando os compositores jogam com as ideias: amor x ódio; fogueira x geleira; fogo x gelo? Que efeito produz esse recurso?

O verso que se repete já avisa: “as aparências enganam”, o que significa que podemos julgar o ódio amor e vice-versa. Os compositores unem os extremos, por meio do verbo “irmanar”, confirmando o que diz a sabedoria popular: os extremos se tocam. O efeito é interessante porque, ao mesmo tempo que coisas tão contrárias se “irmanam”, elas mantêm, ainda, suas características próprias.

2 – Na primeira estrofe, pão, vinho e comunhão remetem a que contexto?

Remetem à Santa Ceia. Impossível não pensar no simbolismo do pão e vinho como alimento para o corpo e para a alma, numa comunhão de amor possível.

3 – Como algo pode ser alimento e veneno ao mesmo tempo?

Nesta estranha aproximação está a intertextualidade com o texto de Camões: ao mesmo tempo que alimenta, o amor mata. É preciso matar em nós muito de nós mesmos para viver o outro.

4 – Embora haja paralelismo sintático e semântico na letra da canção, existe uma progressão no texto. De que maneira isso ocorre da primeira para a segunda estrofe?

Na primeira estrofe, fala-se em fogueira, fogo, labaredas: pressupõe-se tratar da fase da paixão num relacionamento; na segunda estrofe, fala-se de geleira e neve: pressupõe-se a fase de um relacionamento em que a paixão já se apagou e o amor “esfria”.

5 – Na última estrofe, explique a relação estabelecida entre os sentimentos e as estações do ano.

Se associarmos a primeira estrofe ao verão (paixão), a segunda ao inverso (fim do amor) e a terceira ao outono (algo que está em declínio, mas que produz frutos), a última estrofe pode ser associada à primavera (algo que se renova, refloresce). Parece ser essa a ideia do “insistente perfume”: se o sentimento que une duas pessoas é o amor verdadeiro, ele sempre se renova, apesar de tudo. Se não há mais o “fogo natural”, é possível cortar a lenha e acender a lareira para aquecer os amantes.

6 – “As aparências enganam” mesmo? Em que medida essa afirmação nos possibilita relacionar esse texto com o de Camões. No caso dessa canção, qual seria a “essência”?

Nos dois textos, os poetas jogam com ideias contraditórias. O ódio pode parecer amor e o amor pode parecer ódio porque os seres que experimentam esses sentimentos são, eles mesmos, contraditórios. A essência seria, então, o sentimento puro que une esses seres.

SE QUEIMAR, QUEIMOU

"Não faço diário:
Rabisco poemas,
Desenho janelas
E vivo levado
Em versos e vento."

Durante os lentos anos de minha infância, senti no garoto a frustração de habitar um mundo muito transparente. Os dias da minha casa não me encantavam com mistérios e segredos, as noites não me seduziam com absurdos e esquisitices.

Não era por falta de "cadê?". Eu bem que vasculhava por todos os cantos, mas não encontrava nunca uma passagem secreta, no quarto dos meus pais, em meus pais, em mim.

Lembro que, de vez em quando, eu chegava a sonhar com portas falsas, um fundo falso de gaveta, uma história mal contada, qualquer coisa inexplicável pra me empolgar. Nada. A vida em minha casa deslizava cristalina, no jardim de rosas evidentes, na elegância fria do primeiro andar, nos corredores do segundo, tão eficazes e à-toa. Até mesmo o sótão, que eu tomava por companheiro de rebeldia e insatisfação, nada me revelou de extraordinário.

Só quando fiz nove anos é que fui atinar: os mistérios e absurdos que eu tanto não encontrava no dia-a-dia da minha casa estavam me esperando, aquele tempo todo, nos livros da sala de estar.

Naquelas páginas empoeiradas, eu passei no sítio do Pica-pau Amarelo, viajei nos istos ou aquilo, enfrentei o gênio do crime, faturei o caneco de prata, fiquei maravilhado de encantações e doideiras.

Eu tinha descoberto: a verdadeira passagem secreta estava escondida ali. Uma passagem discreta, encaixada entre versos e letras. Logo, logo, virei uma traça, devorei toda a literatura da casa.

Mas o melhor foi quando descobri que as páginas em branco dos cadernos não serviam só pra dever de casa. Elas me convidavam a enchê-las de histórias, segredos e imaginação. Eu aprendi a ser aprendiz de poeta.

Hoje, eu, com dezesseis anos, perdi até a conta do tanto de poemas que escrevi. Uma porção ou mais, como diria meu avô. Alguns alegres, outros tristes, uns bem simplesinhos, outros metidos a complicados... Pra falar a verdade, a maioria nem do rascunho passou.

Mas nunca joguei nenhum fora, nem o primeiríssimo, sobre a professora de Português que não parava de piscar pra mim. Acabou que era só um tique nervoso da coitada.

É, esses poemas contam mais a minha infância e adolescência do que qualquer diário, que eu não fiz. Ninguém no mundo poderia imaginar que algum dia eu fosse botar fogo em todos eles.

Mas aqui estou, sentado no chão do meu quarto, com esta caixa de fósforos na mão.